

# CAPÍTULO 4

## O AUMENTO DO USO DE ANTIDEPRESSIVOS E ANSIOLÍTICOS PÓS PANDEMIA E SEUS IMPACTOS

Ellen Oliveira Araújo  
Gabriella Silva Ramos  
Julia Silva Carrijo  
Luan Mendes de Freitas  
Mayara Beatriz Carvalho Gonçalves  
Nayara Sílvia Santos  
Janaina Jácome dos Santos

### RESUMO

O presente trabalho buscou compreender como a pandemia da COVID-19 levou ao aumento do uso de medicamentos como ansiolíticos e antidepressivos, os problemas do autodiagnóstico, os impactos que a automedicação tem na vida dos sujeitos, além de descrever como ocorre o processo de mal uso, a fim de identificar formas de reduzir a dependência e conscientizar a população sobre os riscos do uso inadequado e prolongado das medicações. O trabalho se estrutura com a revisão bibliográfica e análise de dados coletados através de uma pesquisa com profissionais médicos, psicólogos e farmacêuticos, que tem contato direto com esses pacientes. Com a pesquisa realizada e o exame dos textos teóricos (ALVES, 2021), (FÁVERO, 2018) que embasaram o trabalho, identificou-se que como esperado, houve o aumento do uso dos ansiolíticos e antidepressivos durante a pandemia da COVID-19, como também o aumento pela busca solitária do autodiagnóstico, o despreparo das equipes que atendem os pacientes em tratamentos de quadros ansiosos e depressivos nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), e ainda ressalta a importância de se manter o acompanhamento médico tal como o acompanhamento psicológico dos sujeitos acometidos por esses transtornos e assim garantir que o uso de medicamentos controlados seja acompanhado mais de perto e que não ultrapasse o tempo extremamente necessário para tratar os sintomas e, evitar abusos e dependência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Medicalização. Ansiolíticos. Antidepressivos. Pandemia. COVID-19.

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda uma questão atual na recém realidade pós pandêmica, que aponta indícios de um possível aumento no uso de ansiolíticos e antidepressivos. Devido a pandemia pelo COVID-19, mudanças drásticas e repentinas se fizeram presentes na vida de milhões de pessoas no mundo e no Brasil não foi diferente, e muitos viram nos medicamentos uma forma de lidar com essa fase.

As doenças mentais mais frequentes são a depressão e os transtornos de ansiedade, atingindo 10-15% da população mundial, considerando a estimativa de que 350 milhões de pessoas no mundo sofram com a depressão (PREVEDELLO, 2017, *apud* PIGA, 2021). Os antidepressivos e ansiolíticos, muito utilizados no tratamento desses transtornos, são uma busca frequente de muitas pessoas, diagnosticadas ou não.

Os medicamentos psicotrópicos atuam no Sistema Nervoso Central e podem ser classificados nas categorias ansiolíticos-sedativos, antidepressivos, estabilizadores do humor e antipsicóticos ou neurolépticos, atuando no controle da ansiedade com efeitos sobre as emoções, o humor e o comportamento (FIGUEIREDO, 2015, *apud* FÁVERO *et al.*, 2017). O principal representante são os benzodiazepínicos, um dos mais prescritos atualmente, como Diazepam, Clonazepam, Alprazolam e Midazolam (CARVALHO *et al.*, 2016, *apud* FÁVERO *et al.*, 2017).

Tendo em vista as definições dos medicamentos psicotrópicos, ao decorrer do trabalho será abordado tópicos que buscam compreender de que forma os efeitos da pandemia levaram ao aumento do uso desses fármacos, identificar os problemas do autodiagnóstico, mal uso e dependência, e como reduzi-los. A fim de demonstrar de forma empírica o estudo dos autores citados, foi realizada uma pesquisa que consiste no envio de um questionário para psiquiatras, psicólogos e farmacêuticos com questões que remetem ao aumento do uso desses medicamentos. Desse modo, a importância deste estudo está em compreender os impactos do aumento no uso de psicotrópicos e promover a busca por formas de minimizá-los.

## 2. A PANDEMIA E A MEDICALIZAÇÃO

A pandemia da COVID-19 trouxe prejuízos reais à vida das pessoas, como a perda de familiares e amigos, o risco eminente de morte, o desemprego, as medidas sanitárias para evitar o contágio e transmissão da doença, que incluíam o uso de máscaras e distanciamento social, além da passagem de algumas empresas para o *home office* e das escolas para o ensino remoto. Todas essas mudanças bruscas afetaram a saúde mental e o comportamento dos indivíduos, que encontraram nas medicações, como antidepressivos e ansiolíticos, certo alívio e condições psíquicas para enfrentar o momento. Com isso, algumas pesquisas buscam entender os impactos que essas medicações têm provocado na vida dos indivíduos, e já se pode observar alguns dados estatísticos a respeito do tema.

Segundo relatado por Melo *et al.* (2022), foi realizado um estudo transversal via redes sociais que contou com a participação de 349 pessoas, com idade entre 18 e 35 anos. Todos responderam a um questionário sociodemográfico e a perguntas sobre o uso de antidepressivos e ansiolíticos, nos resultados, obtiveram os seguintes dados: 71 pessoas (20,3%) faziam uso de antidepressivos e/ou ansiolíticos durante a pandemia. Destes, 20,5% faziam uso de ansiolíticos, 31,8% de antidepressivos e 28,4% de ambos concomitantemente. Os medicamentos mais

relatados foram clonazepam na classe de ansiolíticos e a fluoxetina na classe de antidepressivos (MELO, 2022).

Com a análise de Alves (2022), observa-se que momentos estressores são desencadeantes ou agravantes dos transtornos mentais, e em consequência disso ocorre muitas vezes o abuso de álcool, cigarro, medicamentos e drogas ilícitas. Especialmente nos últimos dois anos, com tantas perdas, é possível entender a importância de se falar sobre o consumo, uso e abuso desses medicamentos durante a pandemia, assim como os fatores críticos para o aumento da medicalização associada ao uso de psicofármacos (ALVES, 2022).

De acordo com Ribeiro *et al.* (2020) os problemas psicológicos são realidades recorrentes da pandemia. Para Carvalho (2021) o cenário provocou um aumento do consumo de ansiolíticos e antidepressivos, e os estudos apontados revelam que houve prolongamento de crises de ansiedade, suicídio e depressão.

Segue abaixo o quadro com os dados de um levantamento feito pela Consulta Remédio e publicado pela revista Medicina S/A:

**Figura 1:** Buscas comparativas antes e durante a pandemia no período de – 08/20 a 02/21 em relação ao ano anterior (08/19 a 02/20), seis meses antes de iniciar a pandemia.

<b>Medicamento</b>	<b>Finalidade</b>	<b>08/19 a 02/20</b>	<b>08/20 a 02/21</b>	<b>Crescimento</b>
Hemitartarato de Zolpidem	Insônia	405.374	865.985	113,63
Cloridrato de Fluoxetina	Depressão	443.831	806.625	81,74
Oxalato de Escitalopram	Depressão	552.590	714.727	29,34
Sertralina	Depressão	416.924	647.699	55,35
Clonazepam	Transtornos de humor	270.301	495.821	83,43

**Fonte:** Medicina/AS (2021).

Os dados apresentados mencionam a comparação de antes e durante a pandemia no período de 08/20 a 02/21 em relação ao ano anterior (08/19 a 02/20), seis meses antes de iniciar a pandemia, demonstram a notória elevação no consumo após a chegada da COVID-19 no Brasil. Esse aumento pode estar justamente relacionado com os acontecimentos cada vez mais frequentes de ansiedade e depressão no país, diante do isolamento e distanciamento social, por conta das medidas preventivas contra a contaminação, além das incertezas de futuro provocadas pela pandemia.

Segundo dados Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados (SNGPC) da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), relatados no portal de notícias R7, entre

1º de janeiro de 2014 e 31 de dezembro de 2021 o Brasil comprou 345,5 mil caixas de cinco dos ansiolíticos (benzodiazepínicos) mais vendidos: Alprazolam (Frontal), Bromazepam (Lexotan), Clonazepam (Rivotril), Diazepam (Valium) E Lorazepam (Lorax). Em 2020, primeiro ano da pandemia de Covid-19, as vendas desses cinco princípios ativos somaram 47,3 milhões, uma alta de 4,26% em relação ao ano anterior.

Ao analisar esses dados, é possível perceber que houve um considerável aumento do uso de antidepressivos e ansiolíticos com a pandemia. Dessa forma, é importante entender como o autodiagnóstico, tão frequente entre as pessoas, impacta nesses índices.

### 3. A MEDICALIZAÇÃO E O AUTODIAGNÓSTICO

Vasconcelos *et al.* (2009) traz a ideia de que, com a evolução das tecnologias, vários sites especializados em autodiagnóstico surgiram na internet. Ele ainda diz que é perceptível como os consumidores em saúde tendem à solidão e à busca solitária de informações a respeito de como estão. Tudo isso pode fazer com que as pessoas fiquem perdidas em meio a tantos aconselhamentos, que por vezes não são reais ou são alarmistas.

Melo *et al.* (2021) citando Garcia LP, Duarte E. (2020), relata sobre o conceito de “infodemia”, termo que tem por significado o excesso de informações, nem sempre verdadeiras, que ocorrem em resposta a situações graves como, por exemplo, a pandemia. Com isso, Melo *et al.* (2021) comentam que o resultado desse estímulo e exposição a esse tipo de informações pode ser um impulso tanto coletivo como individual a um autodiagnóstico, que leva ao uso, sem comprovação médica/científica, de medicamentos. Vale ressaltar a fala de Domingos *et al.* (2017), que no Brasil ocorreu uma avalanche de informações, medo e incertezas contribuindo para a busca irracional nas farmácias.

De acordo com artigo publicado pela Organização Mundial da Saúde (1998) conceitua-se a auto medicalização como sendo a seleção de medicamentos para tratar doenças autodiagnosticadas ou sintomas. Segundo Domingos *et al.* (2017), os remédios são parte importante para tratamento de doenças e melhora na qualidade de vida dos indivíduos. Porém, o uso desses medicamentos de modo irresponsável e sem uma orientação médica pode trazer prejuízos para a saúde. Esses autores também alertam que em decorrência da auto medicalização foi gerado um aumento nas vendas de medicamentos, assim como crescem também as anomalias derivadas, como resistência bacteriana e outras reações adversas.

Por fim, conforme artigo publicado pela Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde (2012), a auto medicalização (problema muitas vezes gerado pelo autodiagnóstico) pode acarretar uma série de problemas como agravamento de doenças preexistentes.

Caso seja feita uma combinação errada entre medicamentos, pode-se gerar consequências, tendo como exemplo reações alérgicas, dependência de medicamentos e até a morte. Importante destacar que todos os remédios possuem efeitos colaterais. Tendo isso em mente, aquilo que se imagina ser a solução, pode se tornar um grave problema. Vale ressaltar que somente médicos podem diagnosticar doenças e indicar tratamentos e/ou medicações.

Um estudo realizado em Curitiba (Paraná) e citado por Alves *et al.* (2021), em 2017, constatou que 84,4% das indicações de uso de psicofármacos, em especial os ansiolíticos, foram realizadas por médicos, principalmente clínicos gerais (47%), psiquiatras (25%) e neurologistas (15,6%). Os entrevistados que tinham recebido o medicamento de conhecidos somavam 25%, e 15,6% disseram ter usado sem prescrição. Algumas das queixas que levaram ao uso foram a insônia (62,5%), depressão (53,1%) e ansiedade (43,8%), embora alguns dos entrevistados tivessem usado sem acompanhamento profissional e possivelmente sem terem diagnóstico. O tempo de uso ultrapassava um ano em 68,7%, sendo que 30% relataram tentativa de parar com o uso. Como justificativa, relataram a volta das queixas, como nervosismo e insônia.

Tendo em vista o atual problema do autodiagnóstico e uso incorreto dessas medicações controladas, convém entender como se caracteriza a dependência medicamentosa e buscar possíveis intervenções.

#### **4. DEPENDÊNCIA MEDICAMENTOSA E POSSÍVEIS INTERVENÇÕES**

Para o psiquiatra Guido Boabaid May (2022), do corpo clínico do Hospital Israelita Albert Einstein, em entrevista relatada pelo portal de notícias R7, é possível que muitos brasileiros que usam esses medicamentos não necessitem deles ou estejam fazendo mal uso, e também ressalta que a maioria dessas pessoas usam sem acompanhamento psiquiátrico. May (2022) ressalta ainda que os benzodiazepínicos causam tolerância e possível abuso e dependência, e por isso não são todos os indivíduos que podem usá-los, como aqueles que possuem histórico de abuso de substâncias e com alguns tipos de transtorno.

Segundo a Clínica Jequitibá (2020) o abuso de substância é caracterizado pelo uso incorreto da medicação e em excesso, chegando assim, em algum momento, ao ponto de a falta dessa substância causar abstinência. Por mais que o vício possa estar relacionado às drogas

ilícitas, esquece-se que o vício em drogas lícitas como os medicamentos causa danos parecidos a estes usuários.

A abstinência surge pela interrupção das medicações após 5 a 10 dias, o que causa impacto na vida social do indivíduo por seus sintomas como a irritabilidade, estresse, insônia, à sudoração (transpiração excessiva), agitação, náusea, dores no corpo a até mesmo às convulsões, lembrado que cada organismo reage de uma maneira diferentes, então esses sintomas não são padronizados; o recomendado é que essa retirada de medicação seja gradual, com orientação e acompanhamento médico por volta de 8 meses (CARLINI *et al.*, 2001).

De acordo com estudo realizado por Orlandi e Noto (2005), citado por Higa (2018), essa dependência está ligada a diversos fatores: médicos, como a indicação inadequada da medicação, falha na orientação e manutenção da prescrição sem um planejamento prévio do tempo de tratamento; e do usuário, com o uso inadequado da medicação, aumento da dosagem por iniciativa própria, uso de artimanhas para conseguir o receituário e a não realização do acompanhamento psicológico.

Dessa forma, ao se considerar os efeitos prejudiciais que o uso inadequado das medicações psicotrópicas pode provocar no indivíduo, é imprescindível que estratégias sejam pensadas para reduzi-lo. “Há a necessidade de garantir acesso a essas medicações, mas de acordo com protocolos de tratamentos previamente aprovados a serem empregados por profissionais treinados nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) (ROCHA; WERLANG, 2012, *apud* TÁVORA, 2018, p.10).

Conforme relatado em pesquisa de Távora (2018) na UBS São Francisco de Pedra Branca (São Paulo), notou-se a prevalência de pacientes que iam à unidade para renovar a receita dos medicamentos psicotrópicos sem acompanhamento adequado. Como intervenção a esse problema, foi proposto a revisão de prontuários e consultas individuais quando o paciente procurasse a UBS para renovação da medicação, sendo feita também uma busca ativa desses pacientes pelos agentes de saúde. Távora (2018) também relata que nessas consultas individuais, além de avaliar o uso da medicação também é estimulado o desmame medicamentoso, quando necessário. O autor reforça que todos os profissionais envolvidos no atendimento devem estar aptos a realizar o acolhimento do paciente.

Além da renovação dos receituários de psicotrópicos sem a devida avaliação do paciente pelo médico, a falta de acompanhamento psicológico também é um grande fator que pode levar

ao abuso desses medicamentos, tendo em vista a importância da ação conjunta do tratamento medicamentoso e psicológico.

Em projeto de intervenção realizado por Higa (2018) no Centro de Saúde Paranapanema em São Paulo, notou-se alto índice de dependentes em antidepressivos e benzodiazepínicos. Dentre as estratégias pensadas, destacam-se o matriciamento de profissionais da Estratégia de Saúde da Família (ESF) para realização de prescrições mais adequadas e a criação de grupos de saúde mental que estabeleçam um trabalho conjunto que envolva tanto o tratamento medicamentoso quanto psicossocial. Além disso, também buscou-se fazer a reavaliação pelos profissionais e garantir o retorno dos pacientes de Saúde Mental para o acompanhamento.

Por fim, é importante que haja uma conscientização acerca do uso de ansiolíticos e antidepressivos pela população. Conforme proposto por Higa (2018) no projeto de intervenção, os pacientes devem compreender seu adoecimento mental, o porquê do uso do medicamento, seus efeitos e, principalmente, precisam estar conscientes de que o tratamento não é feito apenas ingerindo os medicamentos, mas também através do acompanhamento psicológico adequado.

Desse modo, após a obtenção de dados de diversos autores sobre a temática, é importante analisar o estudo prático realizado com profissionais que possuem contato direto com os pacientes, seja na venda desses medicamentos ou na entrega de receitas e atendimento psicológico. Busca-se assim, relacionar os resultados obtidos pela pesquisa e os estudos realizados pelos autores referenciados.

## **5. AMOSTRA E DISCUSSÕES: RESULTADOS DA PESQUISA**

A pesquisa foi aplicada via *google forms* e contou com a participação de seis profissionais, incluindo psicólogos, psiquiatras e farmacêuticos. Todos eles possuem entre oito e vinte anos de experiência em suas respectivas áreas e foram escolhidos devido a suas áreas de atuação na saúde. As perguntas realizadas se relacionam com as questões tratadas no referencial teórico, sendo relacionadas principalmente às causas e impactos da medicalização. Consistem:

1. Percebeu aumento na procura por antidepressivos e ansiolíticos após a pandemia?
2. Qual das duas classes de medicamentos notou maior procura?
3. Qual público mais consome esses medicamentos?
4. Qual a faixa etária das pessoas que mais buscam esses medicamentos?
5. Sobre o aumento da procura após a pandemia: Caso souber, informar os medicamentos mais usados.

6. Em sua prática, você notou os seguintes problemas: automedicação, dependência, mau uso, abuso, uso inadequado, não sei informar ou não notei, no que se refere à medicalização de antidepressivos ou ansiolíticos?

7. Caso tenha identificado dependência, mal uso ou abuso, indique os medicamentos mais recorrentes e explique.

8. Quais os principais diagnósticos dos pacientes que fazem uso de ansiolíticos e de antidepressivos?

9. De acordo com as vivências em sua área de atuação, quais as queixas que mais incitaram o aumento da procura por antidepressivos e ansiolíticos após o surgimento da pandemia?

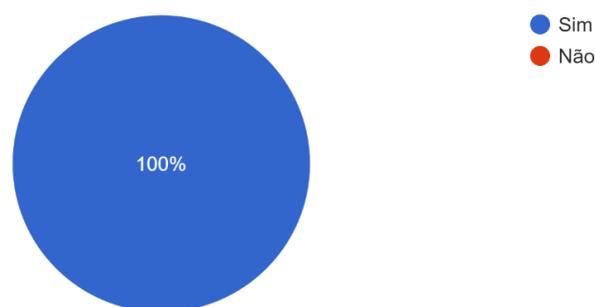
10. Você notou ou o paciente relatou impactos dessa medicalização na vida pessoal e profissional?

11. Na sua opinião, de que formas é possível reduzir essa dependência em antidepressivos ou ansiolíticos?

Os resultados da pesquisa realizada apontam que de fato houve um aumento na procura por antidepressivos e ansiolíticos após a pandemia, cujos dados confirmam a pesquisa realizada por Carvalho (2021) que citou esse crescimento na procura por medicamentos psicotrópicos perante a situação que as pessoas viveram por conta do COVID-19.

**Figura 2:** Percebeu aumento na procura por antidepressivos e ansiolíticos após a pandemia?.

Percebeu aumento na procura por antidepressivos e ansiolíticos após a pandemia?  
6 respostas



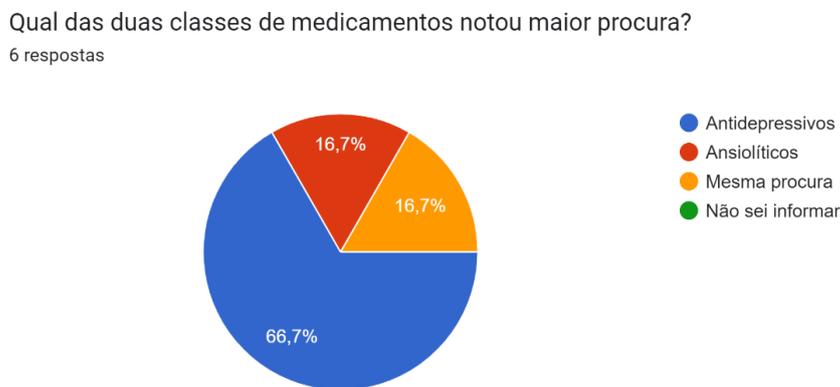
**Fonte:** Autoria própria (2022).

Ao serem perguntados sobre as causas que motivaram o uso desses fármacos, os entrevistados concordaram que houve grande influência da pandemia, como o medo de se infectar, a solidão, a morte dos familiares, ansiedade, insegurança, aflição pela falta de

perspectiva ao futuro e os sintomas psiquiátricos pós pandemia. Dessa forma, compreende-se que essas mudanças repentinas afetaram de forma significativa a vida das pessoas, causando desafios e angústias que ocasionaram em uma maior busca pelo uso de ansiolíticos para uma melhor qualidade de vida.

Segundo 66,7 % dos entrevistados, a classe de medicamentos que teve uma maior procura por parte dos consumidores nesse período pós pandemia foram os antidepressivos. Já 16,7% disseram que a alta do consumo foi de ansiolíticos, enquanto os outros 16,7% afirmaram que a busca desses medicamentos ocorreu da mesma forma, havendo um nivelamento entre eles.

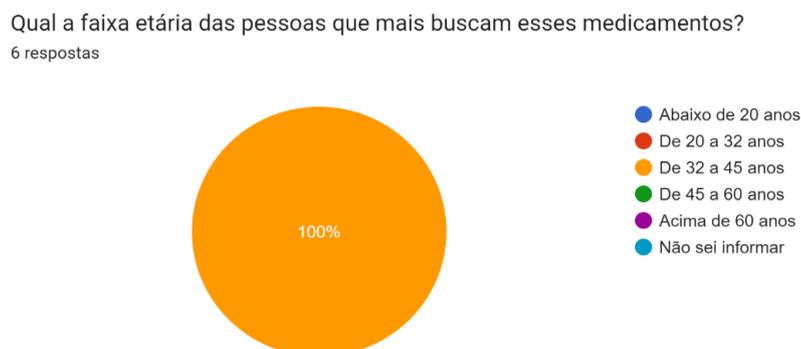
**Figura 3:** Qual das duas classes de medicamentos notou maior procura?.



**Fonte:** Autoria própria (2022).

Segue os dados obtidos das perguntas relacionadas à faixa etária e gênero mais observados nos pacientes.

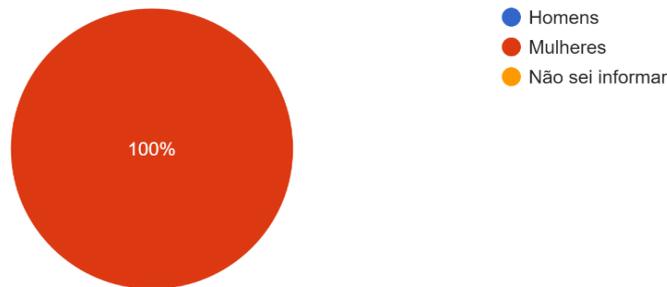
**Figura 4:** Qual a faixa etária das pessoas que mais buscam esses medicamentos?.



**Fonte:** Autoria própria (2022).

**Figura 5:** Qual público mais consome esses medicamentos?.

Qual público mais consome esses medicamentos?  
6 respostas



**Fonte:** Autoria própria (2022).

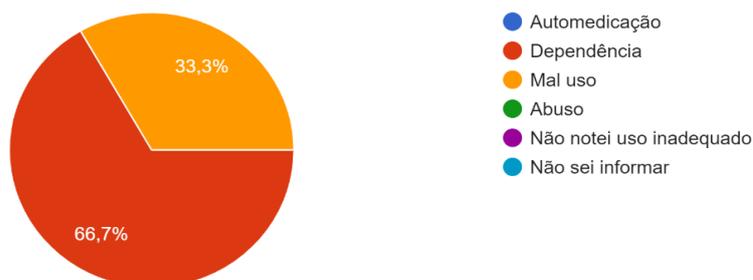
Ao questionar o sexo e faixa etária das pessoas que mais buscaram adquirir e consumir essas medicações, 100% dos participantes da pesquisa responderam que os maiores consumidores desses remédios são mulheres que possuem entre 32 e 45 anos de idade.

Sobre o aumento da procura de medicações após a pandemia, questionou-se quais remédios foram mais procurados e vendidos. Como resultado, entre os mais procurados estão os citados por Melo *et al.* (2022): Fluoxetina e Clonazepam. Além desses, os entrevistados apontaram outros medicamentos, como: Rivotril, Zolpiden, Sertralina, Pregabalina, ISRS, IRSN, Escitalopran e Citalopram.

Em relação aos possíveis problemas provocados pela medicalização, as respostas destinadas a 'dependência' foram de 66,7%, sendo que 33,3% responderam 'mal uso'.

**Figura 6:** Em sua prática, você notou os seguintes problemas no que se refere à medicalização de antidepressivos ou ansiolíticos?.

Em sua prática, você notou os seguintes problemas no que se refere à medicalização de antidepressivos ou ansiolíticos?  
6 respostas



**Fonte:** Autoria própria (2022).

Quando questionado sobre os medicamentos mais recorrentes no caso de identificação de dependência, mal uso ou abuso, a resposta mais colocada foi benzodiazepínicos como Clonazepam, Diazepam e também Zolpidem.

Nota-se que são remédios utilizados para insônia e efeito calmante, o que leva à necessidade de utilizá-los para regular o sono, como o Zolpidem, um medicamento bastante ressaltado em uma das respostas: ‘Muitas pessoas relataram dependência dele para conseguir dormir!’. Percebe-se que essas pessoas não conseguem dormir à noite sem o uso da medicação, e isso se reflete no proposto pela Clínica Jequitibá (2020), em que o abuso de substância se manifesta pelo uso incorreto da medicação, chegando assim ao ponto de a falta da substância causar abstinência.

Quando perguntados sobre os principais diagnósticos dos pacientes que fazem o uso de antidepressivos e ansiolíticos, foram confirmadas as expectativas, tendo em mente, que as doenças mentais mais frequentes são depressão e os transtornos de ansiedade (PREVEDELLO, 2017, *apud* PIGA, 2021), algo amplamente relatado pelos entrevistados, acrescentando a isso, síndrome do pânico e dores crônicas.

Também foi questionado se os profissionais notaram ou ouviram relatos dos pacientes sobre os efeitos provocados pela medicalização. Dos quatro entrevistados, foram obtidas três respostas afirmativas. Dentre as respostas, está o estado de apatia, esquecimento, confusão, perda de memória e os efeitos colaterais já previstos por certos medicamentos.

Tendo em vista esses impactos, muitas vezes decorrentes do mal uso dos psicotrópicos, também foi questionado sobre as possíveis alternativas para reduzir essa dependência. Uma das respostas foi “profissionais mais capacitados para saber orientar o paciente”, o que condiz com os estudos de que a dependência está ligada a fatores médicos como a indicação inadequada da medicação, falha na orientação e manutenção da prescrição sem um planejamento prévio do tempo de tratamento (ORLANDI; NOTO, 2005, *apud* HIGA, 2018).

Os outros entrevistados concordaram que a principal forma de reduzir o risco de dependência é fazendo o acompanhamento psicológico, e não somente o tratamento medicamentoso, que deve ser seguido corretamente pelas orientações do médico. Isso se revela na pesquisa de Távora (2018) na UBS São Francisco de Pedra Branca, em que se notou a prevalência de pacientes que iam à unidade para renovar a receita dos medicamentos psicotrópicos sem acompanhamento adequado.

Por fim, foi colocado que o desmame deve ser feito com acompanhamento médico sempre que possível, assim como a realização de práticas como o exercício físico regular, atividades de lazer e alimentação adequada. Dessa forma, fica evidente os riscos do uso inadequado dos psicotrópicos e a necessidade de seguir corretamente a orientação médica, assim como a importância do acompanhamento psicológico.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve por objetivo compreender como ocorreu o aumento do uso de ansiolíticos e antidepressivos, assim como seus impactos. Os objetivos levantados, portanto, foram respondidos, visto que os estudos citados no referencial teórico e os resultados da pesquisa evidenciaram que o aumento de fato ocorreu, revelando uma série de questões relevantes sobre o tema.

Entendeu-se que a pandemia pelo COVID-19 trouxe uma série de consequências que afetaram a saúde mental das pessoas, o que acarretou na busca pela medicalização. Também se revelou que este uso, quando realizado de forma incorreta, pode levar ao abuso de medicamentos e uma possível dependência. Além disso, através dos estudos foi possível concluir que o desmame deve ser incentivado nos casos em que for possível, e que o acompanhamento psicológico é de suma importância para o tratamento efetivo dos pacientes, realizado juntamente com o uso de medicamentos indicados pelo médico.

Dentre os desafios observados na construção do referencial teórico está a escassez de artigos publicados sobre o tema, já que é um assunto recente trazido pela pandemia. Em relação aos resultados obtidos através do formulário enviado para os profissionais da saúde que fizeram parte da pesquisa, também se observou algumas dificuldades. As respostas abertas foram bem sucintas, provavelmente por ser um assunto novo que ainda traz muitos questionamentos e que pode ter provocado certo receio nos entrevistados, por medo de generalizar o perfil dos pacientes que procuraram os psicotrópicos.

Dessa forma, a importância do trabalho está em propiciar a reflexão e debate sobre o tema com o auxílio dos estudos dos autores e dos resultados da pesquisa que foram apresentados, tendo em vista que a pandemia é um tema recente que ainda resulta em muitos estudos e questionamentos sobre seus impactos na saúde mental das pessoas.

## REFERÊNCIAS

ALVES, M. A. *et al.* Medicalização do luto: limites e perspectivas no manejo do sofrimento durante a pandemia. **Cadernos de Saúde Pública**, ISSN 1678-4464 37 n°9 Rio de Janeiro, Setembro 2021. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1505/medicalizacao-do-luto-limites-e-perspectivas-no-manejo-do-sofrimento-durante-a-pandemia>. Acessado em: Out. 2022.

BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE DO MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Dicas em Saúde: Auto Medicação**. 2012. Disponível em: [https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/dicas/255\\_automedicacao.html](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/dicas/255_automedicacao.html). Acessado em: Out. 2022.

CARVALHO, E. **Ansiedade e depressão: o uso de substâncias na busca pela qualidade de vida**. Centro Universitário AGES (UniAGES). Paripiranga, 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/14497/1/TCC%20%20revisado%20Adriano%20Carvalho%20OFC%20pdf.pdf>. Acessado em: Out. 2022.

CLINICA JEQUITIBA. **Uso, Abuso ou Dependência?**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.clinicajequitiba.com.br/blog/uso-abuso-ou-dependencia/>. Acessado em: Set. 2022.

DOMINGUES, P. H. F. *et al.* Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. **Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília**, v. 26, n. 2, p. 319-330, jun. 2017. Disponível em: [http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-49742017000200319&lng=pt&nrm=iso](http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742017000200319&lng=pt&nrm=iso). Acessado em: Out. 2022.

FÁVERO, V. R.; SATO, M. del O.; SANTIAGO, R. M. USO DE ANSIOLÍTICOS: ABUSO OU NECESSIDADE?. **Visão Acadêmica**, [S.l.], v. 18, n. 4, fev. 2018. ISSN 1518-8361. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/academica/article/view/57820/34821>. Acessado em: Out. 2022.

HIGA, V. **Alto índice de dependentes de antidepressivos e benzodiazepínicos, como enfrentar esse problema?** Universidade Federal de São Paulo, Universidade Aberta do SUS (Una-Sus). São Paulo, 2018. Disponível em: [https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/24977/1/viviane\\_raquel\\_higa.pdf](https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/24977/1/viviane_raquel_higa.pdf). Acessado em: Set. 2022.

MEDICINA/SA. **Busca por ansiolíticos e antidepressivos cresce mais de 100% na pandemia**. 2021. Disponível em: <https://medicinasa.com.br/busca-ansioliticos-antidepressivos/>. Acessado em: Out. 2022.

MELLIS, F. **Farmácias vendem em média 123 mil caixas de calmantes por dia no Brasil**. R7 Saúde, março de 2022. Disponível em: <https://noticias.r7.com/saude/farmacias-vendem-em-media-123-mil-caixas-de-calmantes-por-dia-no-brasil-03032022>. Acessado em: Set. 2022.

MELO, C. da S. *et al.* **Avaliação da saúde mental e uso de antidepressivos e ansiolíticos em adultos jovens durante a pandemia de COVID-19 no Brasil**. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, [S. l.], v. 11, n. 7, pág. e40511730095, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i7.30095. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/30095>. Acessado em: Set. 2022.

PIGA, B.; SHIMA, V.; ROMANICHEN, F. Análise das prescrições de ansiolíticos e antidepressivos antes e durante a pandemia da COVID-19. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.11, p. 107178-107193 nov. 2021. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/39996>. Acessado em: Out. 2022

RIBEIRO, O. C. F. *et al.* Os Impactos da Pandemia da Covid-19 no Lazer de Adultos e Idosos. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25456>. Acessado em: Out. 2022.

TÁVORA, E. **Dependência medicamentosa a ansiolíticos e antidepressivos: intervenção em unidade básica de saúde**. Universidade Federal do Ceará, Universidade Aberta do Sus (Una-Sus). Fortaleza, 2018. Disponível em: [https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/20029/1/EDUARDO\\_MATHEUS\\_DE\\_OLIVEIRA\\_TAVORA.pdf](https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/20029/1/EDUARDO_MATHEUS_DE_OLIVEIRA_TAVORA.pdf). Acessado em: Set. 2022.

VASCONCELLOS, S. P. R.; CASTIEL, L. D. As novas tecnologias de autocuidado e os riscos do autodiagnóstico pela Internet. **Rev Panam Salud Publica**. 2009;26(2):172–5. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/rpsp/2009.v26n2/172-175>. Acessado em: Out. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **The role of the pharmacist in self-care and self-medication** [Internet]. Geneva: World Health Organization; 1998 [cited 2016 Dec 13]. Available from: <http://apps.who.int/medicinedocs/pdf/whozip32e/whozip32e.pdf>. Acessado em: Set. 2022.